

Loucura primária e secundária

Neville Symington¹

Resumo: Muitas vezes uma condição como a esquizofrenia, com seus elementos componentes, tais como alucinações auditivas e visuais, é tomada como básica da loucura. Essa atitude, porém, é uma traição da psicanálise, cujo papel é investigar a origem da loucura, em vez de seus sintomas. A psicanálise, como primeiro esboçada por Freud, investiga as origens de uma sintomatologia. O que é verdade para a esquizofrenia também se aplica ao transtorno bipolar ou ao obsessivo compulsivo. Este artigo examina o que produz tais sintomas. Faz uma distinção entre o que é primário e o que é secundário. Meister Eckhart, místico do século XIII, afirmava que tornar principal o que é secundário é a raiz de todos os erros. Este artigo é uma tentativa de corrigir o erro pelo qual o secundário, o psiquiátrico, foi anunciado, mesmo no discurso psicanalítico, como primário, e mostrar o que é verdadeiramente fundamental e o que é secundário. Palavras-chaves: crença; primário; verdadeiro; falso; necessário; transitório.

Como sempre ocorre, quanto mais turva e confusa a concepção veiculada por uma palavra, com mais desembaraço e autoconfiança as pessoas a empregam, fingindo que o que se entende por ela é tão simples e claro que não vale a pena nem mesmo discutir o que realmente significa.
Tolstoi²

Estamos familiarizados com a esquizofrenia, com o transtorno bipolar, com condições fronteiriças e derivados destas condições, tais como alucinações, delírios, identificação projetiva e equação simbólica. São todas instâncias da loucura secundária. Há uma loucura primária que é responsável pelo que é secundário.

A fonte primária de loucura é uma crença que desmente o real. Eis, a seguir, as crenças que frequentemente constituem loucura primária:

1. Acredito que estou morto.
2. Acredito que não existo
3. Acredito que sou inanimado
4. Eu acredito que sou um feto
5. Acredito que a existência do mundo é mantida por mim
6. Acredito que o mundo e eu somos um
7. Acredito que sou um fantasma, um espírito imaterial
8. Acredito que minha mente é meu corpo

1 Analista didata da Sociedade Psicanalítica Australiana.

2 Tolstoi, L.N. *What is art?* The Complete Works of Lyof N. Tolstoi. New York: Thomas Y. Crowell Company. p. 12.

Algumas das afirmativas acima parecem tão loucas que mesmo os especialistas em loucura acham difícil acreditar que tais crenças sejam possíveis. Porém, acredito não somente que elas são possíveis, mas extremamente comuns. Eles subjazem a todas as condições a que nos referimos como doença mental. Wilfred Bion disse que as alucinações são mais comuns do que em geral se supõe. Também o são as crenças acima, que são as geradoras das alucinações. A palavra “crença” não é comumente usada no discurso psicanalítico, pois psicanalistas, em especial aqueles influenciados por Melanie Klein, empregam o termo “fantasia”. Com o uso da palavra “fantasia”, Melanie Klein referia-se ao fato de que os seres humanos constroem seu mundo, e ela enfatizou que fazemos isso desde a mais tenra infância. O que está sendo dito aqui é que os seres humanos constroem seu mundo de acordo com uma imagem interna. O que a palavra “fantasia” enfatiza é a imagem; o que a palavra “crença” sublinha é a reunião de todas as forças da personalidade guiadas por essa imagem básica. Freud ensinou que todos possuímos em nós um pouco da loucura que observamos em nossos pacientes. Somente quando não temos conhecimento das loucas crenças listadas acima achamos difícil dar crédito a elas. A razão disso é que somos, nós mesmos, sujeitos de algumas dessas crenças e isso acontece porque somos governados por elas, sem a consciência de estarmos assim governados. Muitas vezes, não temos consciência delas, porque são compartilhadas por escolas filosóficas, científicas, religiosas e artísticas do pensamento, que permeiam a cultura. É um grave erro pensar que a sanidade pode ser definida por aquilo que é o panorama dominante na cultura. Thomas Carlyle assim enfatizou este fato:

Existe ainda uma magia real na ação e reação das mentes umas sobre as outras. O delírio casual de uns poucos torna-se, por essa repercussão misteriosa, o frenesi de muitos; os homens perdem o uso, não só de seus entendimentos, mas de seus sentidos corporais; enquanto os corações mais obstinados derretem incrédulos, como o resto, na fornalha onde todos são forjados, como vítimas e como combustível. É doloroso pensar que sua nobre onipotência de Solidariedade tão raramente se constituiu na vara de Aarão da Verdade e da Virtude, e foi tantas vezes a vara do Encantador da Maldade e da Loucura: nenhum canalha solitário, quase nenhum maníaco solitário se aventuraria em tais ações e circunstâncias, percebidas como verdadeira sabedoria. (Carlyle, 1829, pp. 439-459)

Erich Fromm (1950/1976, p. 16) também enfatizou que pode haver não só uma *folie à deux*, mas também uma *folie à millions*. Uma das razões pelas quais não temos consciência de nossa própria loucura é que ela é partilhada por muitos outros na cultura. Assim, por exemplo, a crença de que a minha mente é meu corpo é compartilhada por muitos cientistas. Portanto, a razão pela qual frequentemente não

somos cientes de nossa loucura primária é o fato de que nós mesmos somos loucos. É um princípio seguro o de que, quando sou louco, eu não saiba que sou louco. É parte da definição de loucura. No momento em que tenho consciência da minha loucura, já não estou mais louco.

A natureza da crença

Quando uso a palavra “crença”, não o faço da mesma maneira que podemos dizer que um católico crê que Jesus é Deus. Isso é algo que ele declara abertamente. As crenças que exemplifiquei acima não são conhecidas, mas regulam a percepção do indivíduo, seu raciocínio, seus sentimentos e seu pensamento. Elas são inconscientes; “fantasia” é inconsciente. Tal crença, portanto, é como a semente de uma planta. A forma como um carvalho dispõe seus ramos, o tipo de folhas que ele constrói são todos regidos pela instrução genética contida na semente. Uma semente diferente, como a de um eucalipto, estrutura a árvore de uma forma distinta daquela como a semente de um carvalho determina o formato das folhas e o perfume das folhas. A crença é tal como a semente, é o código genético que controla toda a percepção posterior, o raciocínio, o sentir e o pensar. Como podemos então falar sobre crenças verdadeiras em oposição a crenças falsas?

Distinção entre crenças verdadeiras e falsas

Uma crença que foi instalada na personalidade sem aceitação subjetiva é uma crença falsa; uma crença que tenha sido processada subjetivamente é uma crença verdadeira. Quando o núcleo criativo da personalidade criou o objeto de modo que ele passe a servi-lo, ele é verdadeiro, mas quando o sujeito é esmagado pela invasão do objeto, este objeto é falso. Existe um sistema de valores em ação aqui. Verdade e falsidade são julgadas de acordo com uma norma à qual ambas se referem.

Qual é esse padrão? Uma norma implica uma referência a algo contra o qual diferentes entidades podem ser avaliadas. Deve, portanto, ser algo que está fora das coisas a que se refere e mesmo assim estar nelas. É algo que inclui tudo e nada exclui. Parece, então, que o padrão é que tais coisas se referem, faz a pergunta: “O que está sendo deixado de fora?”; se alguma coisa está sendo deixada de fora, então ela é falsa e se está incluída, e o é em referência a tudo, então é verdadeira. Um objeto invadido exclui, um objeto criado internamente inclui.

A questão crucial é, então, “O que é real?”. Sendo evidente que o real é o padrão contra o qual podemos julgar se algo é verdadeiro ou falso, ou saudável ou louco, precisamos, portanto, obter uma imagem mais clara possível do real. O real é composto de dois elementos que parecem estar em contradição entre si. O primeiro elemento é o universo que existia antes de eu nascer. Ele já existia antes dos meus pais nascerem. Ele já existia antes que a vida tivesse surgido neste planeta. Ele já existia antes dos planetas de nosso sistema solar se formarem. Ele nunca não existiu. Alguns podem dizer que ele começou com o *Big Bang*, mas havia algo que explodiu³. Há um universo que é, que não pode deixar de ser. Simplesmente é. Mesmo estas tentativas de retrair nosso parentesco são erroneamente concebidas, porque não se trata de uma questão de voltar, mas de compreender o que está aqui e agora. Esse “retorno” para meus pais, e pais de meus pais etc., é apenas uma maneira de tentar focar a atenção sobre o que está aqui e agora. O universo é, não há explicação para isso. Sua qualidade essencial de não ser capaz de não ser, de não existir, precisamos nomear para que possamos fazer referência a isso. O adjetivo que mais se aproxima disto é *necessário* e seu substantivo é *necessidade*. Portanto, esta realidade é *necessária*.

Existência *necessária* contrasta-se com uma existência que é, mas poderia não ter sido. Isto é verdade para mim. Eu existo por acaso; poderia não ter existido; houve uma época em que eu não existia e existe um tempo quando já não existirei. Quando morrer, a memória de mim vai continuar por duas gerações – digamos, 100 anos no máximo. Então, meu ser veio e se foi. É essencialmente transitório. Isto é verdade sobre mim, é verdade sobre meus pais, sobre os pais dos meus pais, sobre a vida emergente no planeta, no início deste planeta. Portanto, a realidade é *transitória*. Ambas as qualidades compõem o real.

Assim, o real é uma composição de dois ingredientes: o *necessário* e o *transitório*. Não é uma questão de um cobrindo o outro. O *necessário* permeia o *transitório* sem alterar seu caráter impermanente. A realidade é *transitória*; a realidade é *necessária*. Quando dizemos que algo é real, isso significa que devemos honrar essa composição dupla de algo sem sermos capazes de compreender como dois aparentes contraditórios permanecem juntos.

O *necessário* está completamente em um objeto real, mas, ao mesmo tempo, não pertence ao objeto. O *transitório* pode reivindicar a posse de si mesmo. O *necessário* é seu próprio dono.

Meu próprio ser é feito dessa composição dual. Eu não tinha escolha em meu próprio nascimento, meus pais não tiveram escolha em seu nascimento; a vida no planeta não tinha escolha em seu surgimento. Não posso fazer nenhuma reivindicação sobre a dimensão *necessária* da minha existência. A existência do transitório é

3 NT: Aqui, o autor faz um trocadilho: “there was a something that went bang”

necessária e, no entanto, é *transitória*. Eu definitivamente existo com a mesma “definitividade” com a qual uma flor existe, esse planeta existe, como o sistema solar existe e, mesmo assim, sou *transitório*. Não é que por trás de minha *transitoriedade* exista o *necessário*, mas minha transitoriedade é *necessária* e, apesar disso, *transitória*. Isso é algo que a mente não pode compreender. É o que se entende por “*mistério*” no discurso religioso.

O que é real, portanto, é essa composição dual de todas as coisas, inclusive de mim mesmo. Se qualquer das dimensões estiver fechada, então estou em mentira; quando ambos estão preservados, então reina a verdade. A mentira e a loucura são cúmplices, a verdade e a sanidade são parceiras.

Portanto essa misteriosa realidade dupla é o padrão contra o qual avaliamos se algo é verdadeiro, se é são.

O vivo e o inanimado

Há também uma composição dupla do transitório. Alguns objetos são inteiramente sujeitos ao movimento de outros, não tendo nenhum impulso inicial dentro de si, e nós os chamamos de inanimados; outros objetos possuem uma fonte de movimento no interior de si mesmos e nos referimos a eles como objetos vivos. Burnett Streeter assim enfatiza este fato:

A palavra vida, portanto, difere de palavras como “oscilação” ou “recuperação”, à medida que não é um nome que conferimos a determinado tipo de movimento ou reação; é uma causa que supomos para poder explicá-los. Mais do que isso, não é uma causa que se assuma existir, embora em si mesma desconhecida; não é uma entidade hipotética, que poderia muito bem ser chamada de *x*, é algo cuja natureza é tida como certa, um tema conhecido. (Streeter, 1935, p. 35)

O que diferencia uma coisa viva de uma não-viva é que na última toda a ação vem de algo externo ao objeto, enquanto na primeira existe uma causa de ação cuja origem é inteiramente interna ao organismo. Grande parte de sua ação é resultado dos estímulos do ambiente – talvez até noventa por cento, noventa e nove por cento, mas há uma coisa absolutamente interna ao organismo que é responsável pelas ações que nele ocorrem. Quem descobriu isso com muita clareza foi o filósofo Maurice Blondel:

Se, portanto, a síntese é algo mais do que a imensa multidão de suas condições, tem de haver nela algo para conter e dominar essa imensidão; um resto que sem dúvida é quase nada e que as ciências levam em consideração apenas para o eliminar; mas é esse nada que, do ponto de vista interior, é tudo, pois é o princípio invisível da síntese, a alma de todos os conhecimentos positivos e de cada operação eficaz. (Blondel, 1893/1984, p. 98)

Dessa forma, há dentro do objeto vivo transitório um reflexo da composição dual da realidade. Este algo não é necessário, mas é um reflexo disso. Como “o real” tem essa composição dual em seu fundamento, não é surpreendente que isso se reflita também no transitório. Esse mesmo eco de tal dualidade é também refletido nos seres vivos – portanto, em plantas e animais, e nos últimos, há novamente dualidade – da vida não-humana em oposição à vida humana.

A vida humana, em oposição à vida pré-humana

Essa dualidade existe na vida animal em oposição à vida humana. A linha que divide uma da outra não é nítida. A diferença é clara entre um ser humano e um animal não-mamífero, como um crocodilo. Quando alcançamos os primatas, eles compartilham algumas características humanas. Na história paleontológica, passamos por fases do que é conhecido como “hominização”. Ela chegou a seu ponto final quando nossos ancestrais começaram a pintar os animais nas cavernas, tais como Altamira, Lascaux e Chauvet. O que caracteriza o ser humano, em oposição aos não-humanos? São duas coisas inter-relacionadas. A primeira é a capacidade de manter algo na mente, a segunda é a capacidade de criar aquilo que é mantido na mente, que, em seguida, o dota de consciência. É evidente, quando se olha para as pinturas em uma dessas cavernas antigas, que os animais representados estão vivos e, portanto, não estavam à vista quando foram pintados. Por isso eles haviam sido retidos na mente. Existem duas formas diferentes de memória: a memória de recordação e a memória de reconhecimento⁴. Esta última necessita do estímulo para trazê-la à mente, enquanto a primeira é armazenada e está disponível sem a necessidade do estímulo do reconhecimento para trazê-la à tona, na mente. É, como Liddell⁵ sublinhou, a diferença entre um animal como uma ovelha, que tem uma memória de recordação de cerca de quinze minutos, e um ser humano, que tem uma memória de recordação capaz de recuperar algo que ocorreu há anos. Uma coisa parece certa: nossos antepassados que viviam nas cavernas tinham uma memória de recordação

4 No original, *recall memory* e *recognition memory*.

5 Bellinda Liddell, neurologista; comunicação pessoal.

que durava pelo menos algumas horas, senão alguns dias, ou mesmo semanas. Pode-se imaginar que a pintura desses animais possa ter sido uma atividade em que a caça dos animais não foi possível devido às condições meteorológicas e assim aqueles homens das cavernas e as mulheres ficavam em casa e pintavam o que estava armazenado em suas mentes.

Há outro aspecto a respeito disso. Nesta atividade, também ocorre autoconsciência. O pintor relaciona-se com os animais que está pintando. “Relacionar-se” está ligado à consciência e, de fato, relacionar-se requer a consciência, porque implica uma distância entre o sujeito e a coisa a qual ele está ligado. Para ter consciência, preciso estar a uma certa distância de mim mesmo.

O primário produz o secundário

Minha tese é de que a loucura secundária é produzida pela primária. Vou começar com um exemplo. Um psiquiatra estava tratando de Joseph, um homem que acreditava ser o responsável pelo onze de setembro. O psiquiatra não teve nenhuma dificuldade em ver que isso era delírio. Em uma sessão Joseph disse, intermitentemente: “Eu não existo”, “Minha mão não existe”, “Eu gostaria de ter um relacionamento com um robô – acho que seria bom nisso”. Esta foi sua doença fundamental. Mas por que isso o faz crer que é responsável pelo onze de setembro? Meu raciocínio é o seguinte.

Quando Joseph diz *eu não existo e eu gostaria de ter um relacionamento com um robô – acho que seria bom nisso*, há nele alguma intuição de que isso seja um pouco estranho, de que ele não se relaciona como os demais, ou de que, se ele fosse bom em se relacionar com um robô, então faria algo meio peculiar. Ele está fazendo o psiquiatra notar que seu modo de ser não é o mesmo que o dos outros. Existe aqui alguma noção de como ele deveria ser e de que não está funcionando da forma apropriada.

Mas o que tem que acontecer para eu *saber* que existo? Para saber que existo corporalmente e não como um fantasma ou uma presença de espírito? Que tenho uma mão, portanto? Há uma atividade básica que precisa ocorrer. Para saber que existo, para estar ciente de que existo de uma forma física e não como um corpo sem espírito ou como uma mente sem um corpo, mas sim como uma totalidade corporalmente, há um princípio criador que liga essas coisas. É o mesmo princípio que une os diversos elementos da personalidade em uma unidade. Penso que é por esse motivo que Bion voltou-se à ideia de Hume de uma conjunção constante – isto é, algo que reúne elementos díspares em uma unidade. Julgo que Bion estava pesquisando na

direção certa, procurando um pedaço de pensamento a partir de algum lugar em que coubesse a experiência de que ele estava consciente, mas a imagética de Hume é excessivamente mecânica. Sem dúvida, isso aconteceu porque, na fase inicial da atividade psicanalítica de Bion, ele era muito influenciado por Freud, cujo esquema de atividade interna foi também demasiado mecânico. Penso que Bion emancipou-se lentamente deste patrimônio mecânico e que em seus escritos posteriores, como nas *Conferências Brasileiras*, *Bion em São Paulo e Nova Iorque*, e em *Cogitações*, o elemento unificador interno foi criativo em sua essência. Ele já existia em sua formulação anterior da *função alfa*, mas foi enxertado em um esquema mecânico, que era o paradigma que regia o interior, porém, mais tarde, libertou-se desse esquema. Portanto, a função alfa não foi apenas um acréscimo, mas se tornou o princípio governante central. É esse princípio, o princípio criador, que cria tanto o que está lá como os elementos diferentes do que existe em uma unidade. O trabalho de um grande pensador em história, filosofia ou literatura acontece porque uma força criativa unifica a aparente diversidade. Assim, por exemplo, Schopenhauer, em sua obra-prima *O mundo como vontade e representação*, que tem, na edição em inglês, 1180 páginas, diz que há apenas uma ideia e que, portanto, o livro deve ser lido duas vezes, pois somente quando essa ideia for apreendida interiormente o sentido dos diversos elementos entram em uma unidade na mente do leitor, na segunda leitura. Portanto, este é o princípio criativo da ordem funcional que dá sanidade à mente; sua ausência é o que se manifesta como loucura. O homem que acreditava ser o responsável pelo onze de setembro estava em delírio, mas suas raízes residem nas afirmações de seus “eu não existo” e “minha mão não existe”.

Há um enigma aqui. Quando alguma função básica é ausente ou latente, a atitude mais sensata parece ser a de reconhecer de forma científica sua ausência, mas não é isso que em geral ocorre. Em vez disso, um duro pregador condena. E ele ou ela condena a pessoa como um todo, e não apenas a coisa especial em que ela é deficiente. A pergunta é, por que a personalidade importa esse duro pregador que a condena por inteiro, em lugar de um observador científico que constate a deficiência específica? Será mais humilhante perceber um fator distinto pouco desenvolvido, em lugar de denegrir todo o conjunto? É cego importar o pregador que, com isso, não vê o que é diferente? Ver o que realmente está errado é maior humilhação que uma cega abolição do todo? O “duro pregador” é conhecido nos círculos psicanalíticos como super-ego. Este foi um termo inventado por Freud. Assim, o superego censura o ego inteiro. Mas por quê?

Qual é a origem primitiva do superego? O super-ego castiga o ego, mas com base em quê? Ele diz para o ego “Você não é como deveria ser”. Portanto, ele surge de algum conhecimento inerente de como a personalidade deve ser. Podemos começar com um exemplo anatômico. Se nasci sem minha mão esquerda, sinto vergonha. A

vergonha indica que eu sei que um corpo humano é composto de uma mão esquerda e de uma mão direita. Se sou um homem, sei que um corpo tem duas pernas, um pênis, dois testículos e assim por diante. Se sou uma mulher, sei que o corpo feminino tem uma vagina, um útero e dois ovários. Existe o conhecimento do modelo do corpo humano. Não há vergonha quando o corpo que possuo é perfeito.

A questão que ainda permanece sem resposta é “Por que sou condenado por uma deficiência?” Será que somos os repositórios da evolução? Que a natureza é dotada de um ímpeto de destruir o imperfeito? E preservar os espécimes fortes e saudáveis da espécie? Se é este o caso, então é um “impulso da natureza” que não tem discriminação: só se preocupa com o fato de que este espécime é imperfeito e não está preocupado com a imperfeição em particular. O super-ego diz: “Você não merece existir, você é uma mancha sobre a espécie *Homo sapiens*”. Este pregador severo é um aspirador que retira tudo do tapete. De nada vale meu clamor “Eu não tenho uma mão, mas tenho um grande entendimento de Ornitologia e tenho um Ph.D. em Psicologia”. Esse impulso para destruir o imperfeito não está preocupado com habilidades mentais criativas individualmente. Ele não faz distinção entre a deficiência física ou mental. Esse espécime está marcado e se um cientista se aproximasse de seu duro algóz e dissesse: “De que maneira?”, receberia a resposta áspera: “Não me importo, é manchado e por isso deve ser destruído. O super-ego está operando no nível animal de minha personalidade. Ciência, arte e religião, todas fluem do desejo de desenvolver aquelas habilidades mentais que melhoram as capacidades humanas do que está lá. Para o bebê que nasceu sem ouvir, o audiologista cria um mecanismo de implante da cóclea, permitindo que a criança escute. Para transmitir a outro a beleza do animal que vi correndo pela savana, que ele é incapaz de ver por si mesmo, pinto um retrato na parede de minha caverna, para que ele possa vê-lo. Para a pessoa que está incapacitada mostro-lhe um valor que ultrapassa seu defeito físico. O super-ego, no entanto, diz: “Destrua o bebê; destrua o homem que não pode andar rápido o suficiente para ver o animal na savana; destrua o aleijado”. Ciência, arte e religião apontam para as possibilidades que ainda estão disponíveis e desafiam as restrições do feitor brutal.

O que estou tentando fazer aqui é explicar porque é que o homem que não sabia que existia acreditava que fosse o responsável pelo onze de setembro. Penso que a razão disso é que há uma deficiência muito básica e o pregador severo diz: “Veja que sujeito perverso você é”, e então aponta para o colapso das Torres Gêmeas e diz “Você é responsável por isso”, mas o pregador severo não é visível ou audível, somente os escombros das Torres Gêmeas. “Eu os destruí”, diz o homem. Porque a voz do pregador severo não é audível? Quando o super-ego está num estado de intenso poder que subjuga o ego, o *self* ou o centro criativo como um todo, em lugar de ouvir o pregador duro dizendo: “Você destruiu as Torres Gêmeas”, ouve a si mesmo

dizendo “Eu as destruí”. Ele se submeteu, em obediência servil, à voz punitiva e disse: “Sim, eu as destruí”. O eu tornou-se escravo do super-ego. Está submetido ao super-ego. Obviamente, há onipotência nessa reivindicação. É estranho que a obediência servil a um forte poder só seja possível mediante a presença de uma forte onipotência. É por meio de onipotência que o ego, o centro criativo, é escravizado no interior do superego.

A onipotência é droga anestésica do ser humano, que surgiu no início da civilização. A onipotência anestesia este homem à crença de que ele não existe. Ele diz isso, mas não sabe o que está dizendo interiormente. Parte da razão pela qual ele não sabe é que o terapeuta não é receptivo ao que ele disse. Saber exige uma receptividade no outro, uma abertura no outro ao que está sendo dito, ou ao que está sendo comunicado. Saliento aqui “comunicado”, mais do que “dito”, porque há um sistema de mensagens entre seres humanos que é mais fundamental do que a linguagem. Portanto, saber requer a receptividade no outro e, até que ele a encontre, não sabe o que diz. Ele não sabe o que sabe. Afinal, quando interajo com alguém, isso só se torna uma comunicação quando a pessoa com quem estou me relacionando percebe o significado do que estou veiculando. Então, quando Joseph diz: “Eu não existo”, essas palavras continuam sendo baforadas de ruídos que saem da boca, a menos que chegue a uma mente que dote as palavras de significado. O que quero dizer com “significativo”? Deixe-me dar um exemplo de algo que Marion Milner disse a respeito de si mesma. Ela disse que confiar no “inconsciente”, confiar que no vazio, no que não pode ser visto, confiar no que parece não ser foi o princípio orientador de sua vida. Alguém mais, Bernadette, poderia ter dito: “O que eu não sei é periférico à minha vida”, mas Marion diz que foi um princípio orientador em sua vida. Assim, para Marion este princípio é significativo. O significativo é algo que é central, que rege a conduta da minha vida. As afirmações de Joseph movem-se da periferia para o centro, quando seu significado é intuído por outro. É a parceria conjunta que forja o significado.

A questão aqui é: “Como é o psicanalista pode perceber o significado?” Acredito que o próprio analista ou a própria analista deve ter atravessado a experiência. Neste caso, o analista precisa ter passado de acreditar que não existe a saber que existe. E conhece a imensa consequência disso para sua própria vida. Então existem duas situações clínicas: 1) Quando o analista sabe e tem consciência do significado e 2) quando sabe, mas não tem consciência disso. Se está ciente disso logo que o paciente diz “eu não existo”, percebe sua importância e aborda o assunto com alguma convicção, mas frequentemente não é o que ocorre. É que o analista atravessou a transição, sabe disso, mas ainda não tem conhecimento de que quando o paciente entoar esse ponto, toca um sino nas profundezas do analista. A fala do paciente desperta a experiência do analista para a qual ele então dá voz. O encontro clínico com

o paciente lhe permitiu passar do conhecimento à consciência. Há uma união neste momento. Bion percebeu o significado disso.

No geral, fico mais satisfeito com o meu trabalho se sinto que atravessei essas experiências emocionais do que quando a sessão foi mais agradável. Sou fortalecido nessa crença pela convicção que foi confirmada em mim pela análise de pacientes psicóticos ou *borderline*. Eu não acho que tal paciente vá aceitar uma interpretação, mesmo que correta, a menos que sinta que o analista passou por sua crise emocional, como uma parte do ato de dar a interpretação. (Bion, 1992, p. 291)

Portanto, a experiência compartilhada é o agente da mudança. A interpretação é a expressão dessa experiência compartilhada ou não é nada. Bob Gosling, que foi presidente do Tavistock nas décadas de 1970 e 1980 me escreveu o seguinte, em certa ocasião:

Embora não compreenda isso muito bem, penso que tem a ver com de onde a interpretação é sentida como proveniente. Está vindo de alguém sentado lá fora, em um lugar seguro ou é de alguém mais ou menos deitado ao seu lado no divã, alguém que esteja de alguma forma envolvido no que está acontecendo? Eu sempre pensei que as únicas interpretações eficazes fossem aquelas em que ambas as partes pudessem ouvir a seu favor...

Quero então resumir a questão principal: a de que a loucura primária é a crença de que não existo e é isso que gera a loucura secundária: a de que sou responsável pelo onze de setembro, e estou tendo esse delírio como uma instância de algo mais geral. Delírios, alucinações, fuga de ideias, ideias de referência que são todos secundários. É a loucura primária que precisamos alcançar. Como o secundário se assenta no primário somente quando a consciência da loucura primária é alcançada que a secundária se dissipa.

La locura de primaria y secundaria

Muchas veces una condición como la esquizofrenia, con sus componentes, tales como alucinaciones auditivas y visuales, se toma como base de la locura. Esta actitud, sin embargo, es una traición del psicoanálisis, cuya función es investigar el origen de la locura, en lugar de sus síntomas. El psicoanálisis, como esbozada por la primera vez por Freud, investiga los orígenes de los síntomas. Lo que es cierto para la esquizofrenia también se aplica al trastorno bipolar o el trastorno obsesivo-compulsivo. Este artículo examina lo que produce esos síntomas. Establece una distinción entre lo que es primario y lo secundario. Meister Eckhart, el místico del siglo XIII, afirmaba que tornar principal lo que es secundario es la raíz de todos los errores. Este artículo es un intento de corregir el error por el cual lo secundario, el psiquiátrico, se anunció,

mismo en el discurso psicoanalítico, como primario, y mostrar lo que es verdaderamente fundamental y lo que es secundario.

Palabras clave: creencia; primario; verdadero; falso, necesario; transitorio.

Primary and secondary madness

Abstract: Often a condition such as schizophrenia, with its components, such as hearing and visual hallucinations, is taken as basic madness. This attitude, however, is a betrayal of psychoanalysis, whose role is to investigate the origin of madness, rather than its symptoms. Psychoanalysis, as first outlined by Freud, investigates the origins of symptoms. What is true for schizophrenia also applies to bipolar disorder or obsessive compulsive disorder. This article examines what generates such symptoms. It draws a distinction between what is primary and what is secondary. Meister Eckhart, the mystic of the thirteenth century, used to say that the root of all mistakes is to make primary what is secondary. This article is an attempt to correct this mistake in which the secondary, the psychiatric, was announced, even in the psychoanalytic discourse, as primary, thus showing what is truly fundamental and what is secondary.

Keywords: belief; primary; true; false; necessary; transitory.

Referências

Bion, W.R. (1992). *Cogitations*. London & New York: Karnac Books.

Blondel, M. (1984). *Action*. Notre Dame Indiana: University of Notre Dame Press. (Trabalho original publicado em 1893)

Carlyle, T. (1829). Signs of the Times. *Edinburgh Review* 49, 439–459.

Fromm, E. (1976). *Psychoanalysis and Religion*. New York: Yale University Press/Bantam Books. (Trabalho original publicado em 1950)

Streeter, B. H. (1935). *Reality*. London: Macmillan.

Tradução de Maria Luiza Gastal

Neville Symington
P.O. Box 6087
Pymble
2073 Sydney, NSW | Australia
nevellesymington@hotmail.com